



## EDGAR ALLAN POE E WALTER BENJAMIN CONTRA AS ARTIMANHAS DO AUTÔMATO

*Oscar Henrique de Souza e Silva<sup>1</sup>*  
*Orientador: Wilson Antonio Frezzatti Junior<sup>2</sup>*

Para escândalo de muitos fariseus e para alívio de muitos  
arrependidos, a Missa dos Quilombos confessa,  
diante de Deus e da História, esta máxima culpa cristã  
*Pedro Casaldáliga*

A tradição dos oprimidos transforma  
a classe operária em classe redentora  
*Walter Benjamin*

Para Lenin, uma homenagem no  
centésimo aniversário de sua morte (1924-2024)

**Resumo:** Apresentada na primeira das teses *Sobre o conceito de história* (1940), de Walter Benjamin, a alegoria do jogador de xadrez acompanha a noção benjaminiana de filosofia da história e sua possibilidade de ser escovada a contrapelo, para lembrar a expressão do próprio escritor. Com o intuito de promover a interdisciplinaridade, este trabalho tem a pretensão de fazer a exposição da primeira das dezoito teses de Benjamin, apresentando as relações desta tese com a literatura de Edgar Allan Poe e a influência deste escritor na obra do filósofo Benjamin. Edgar Allan Poe escreve sobre um autômato enxadrista muito curioso, programado para vencer todas as partidas, e que representa o materialismo histórico; o mistério de suas habilidades se deve à presença da teologia, simbolizada por um anão escondido dentro da máquina. Benjamin revisita essa invenção para tratá-la como a possibilidade de reescrita da história dos sujeitos revolucionários como protagonistas, e não mais como coadjuvantes. A obra central para o desenvolvimento deste trabalho e seu debate é *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*, da autoria de Michael Löwy, estudioso do marxismo reconhecido por seus estudos e relações entre materialismo histórico e literatura. As questões que orientarão a exposição desse trabalho são as seguintes: Quais os papéis da religião e da alegoria na concepção histórica de Benjamin? Teologia e materialismo histórico podem juntos transformar a trágica realidade latino-americana? As discussões a respeito destas indagações são de fundamental importância para a atualização do debate filosófico em torno da luta contra a visão da história dos opressores. Para tanto, haverá a exposição do tema e do problema, além dos

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: oscarmensagembrasil@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do curso de Graduação em Filosofia e do PPG Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: wfrezzatti@uol.com.br.

objetivos deste trabalho, permitindo que haja um debate democrático em torno de questões essenciais à compreensão de assuntos fundamentais para a compreensão do pensamento e da filosofia de Walter Benjamin.

**Palavras-chave:** Filosofia. Crítica. História. Alegoria.

**Resumen:** Presentada en la primera de las tesis de Walter Benjamin *Sobre el concepto de historia* (1940), la alegoría del jugador de ajedrez sigue la noción de Benjamin de filosofía de la historia y su posibilidad de ser rozada a contrapelo, para recordar la propia expresión del escritor. Con el objetivo de promover la interdisciplinaria, este trabajo tiene como objetivo presentar la primera de las dieciocho tesis de Benjamin, presentando la relación entre esta tesis y la literatura de Edgar Allan Poe y la influencia de este escritor en la obra del filósofo Benjamin. Edgar Allan Poe escribe sobre un autómatas de ajedrez muy curioso, programado para ganar todas las partidas, y que representa el materialismo histórico; el misterio de sus habilidades se debe a la presencia de la teología, simbolizada por un enano escondido dentro de la máquina. Benjamin retoma esta invención para tratarla como la posibilidad de reescribir la historia de los sujetos revolucionarios como protagonistas y ya no como personajes secundarios. La obra central para el desarrollo de este trabajo y su debate es *Walter Benjamin: aviso de incendio: una lectura de las tesis “Sobre el concepto de historia”*, escrita por Michael Löwy, estudioso marxista reconocido por sus estudios y relaciones entre el materialismo histórico y literatura. Las preguntas que guiarán la exposición de este trabajo son las siguientes: ¿Cuáles son los roles de la religión y la alegoría en la concepción histórica de Benjamin? ¿Pueden la teología y el materialismo histórico juntos transformar la trágica realidad latinoamericana? Las discusiones sobre estas cuestiones son de fundamental importancia para actualizar el debate filosófico en torno a la lucha contra la visión de la historia de los opresores. Para ello, se realizará una exposición del tema y el problema, además de los objetivos de este trabajo, permitiendo un debate democrático en torno a cuestiones esenciales para la comprensión de temas fundamentales para la comprensión del pensamiento y la filosofía de Walter Benjamin.

**Palabras clave:** Filosofía. Crítica. Historia. Alegoría.

## INTRODUÇÃO

Em um tempo de ascensão da extrema-direita mundial, as reflexões benjaminianas são mais uma vez necessárias para que se conteste o poder das classes dominantes no Brasil. O que o leitor ousado acompanhará nas páginas seguintes é um exercício reflexivo sobre as artimanhas de um grupo político que atuou de maneira ardilosa para que um conhecido candidato fosse impedido de disputar as eleições presidenciais no gigante sul-americano. Para tanto, haverá uma relação com uma das teses benjaminianas sobre o conceito de história e a sua elaboração a partir de uma personagem curiosa de uma das narrativas escritas por Edgar Allan Poe, renomado escritor estadunidense, criador de histórias misteriosas e ficcionais e que exigem muito da imaginação daquele que à noite é capaz de escutar as vozes do silêncio. O que se passou no Brasil assemelha-

se às criações de Poe, e o desdobramento da concepção de história conduz o leitor interessado em pensar e repensar a memória em tempos atuais.

Após a apresentação da figura do autômato e a concepção desta atrelada ao materialismo e a teologia, tem-se um paralelo com o caso do *lawfare* envolvendo Lula. Herdeiro das lutas contra o regime autoritário que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985, a personagem vitimada por uma prisão que durou 580 dias surge na história do Brasil como um elo entre justiça e memória.

## ORIGENS DA TRAMA

Edgar Allan Poe já denunciava as artimanhas de uma máquina, inventada pelo barão Wolfgang von Kempelen em 1769<sup>3</sup>, em seu conto intitulado “O Jogador de Xadrez de Maelzel”, datado de 1836. Vestido com uma túnica verde, um turbante e portando um comprido cachimbo na mão esquerda (chamado por Walter Benjamin de cachimbo de água), dava lances num tabuleiro de xadrez. Diante de um público, estava programado para jogar partidas com quem ousasse desafiá-lo, desde que a cadeira de seu oponente estivesse a certa distância do invento. O conto de Poe narra um jogador prostrado atrás de uma mesa que continha três compartimentos, além de uma gaveta dupla na parte inferior da mobília, logo abaixo daqueles.

Em seu conto, Poe, precursor das narrativas policiais, apresenta possíveis soluções, que permitem aos espectadores da plateia desvendar o quê se passava por trás das partidas protagonizadas pelo autômato - a origem grega da palavra remete àquilo/àquele que atua por vontade própria -, e que não sobrevivera a um incêndio no Museu Chinês da Filadélfia, por volta de 1854, ano da morte de seu proprietário, o senhor Johann Nepumuk Maelzel. De acordo com Poe, um dos mistérios que envolvem o funcionamento do autômato não é o fato de ser pura máquina, mas sim operado pelo espírito. Maelzel o adquiriu de antigos proprietários, e também se tornou responsável por ser o operador desta invenção durante as apresentações contadas pelo escritor americano. No conto escrito por Poe, pode-se verificar essas características conforme a passagem que diz o seguinte:

É absolutamente certo que as operações do Autômato são reguladas pelo *espírito*, e não por outra coisa. Pode-se até dizer que essa afirmação é suscetível de demonstração matemática, *a priori*. A única coisa em questão é, portanto, a maneira como se produz a intervenção humana. Antes de entrar nesse assunto, será sem dúvida conveniente dar a história e a descrição muito breve do Jogador

---

<sup>3</sup> Cf. Poe, 2002, p. 390.

de Xadrez, para comodidade dos nossos leitores que jamais tiveram ocasião de assistir à exibição do senhor Maelzel (Poe, 2002, p. 390, grifos do autor).

Protagonizado pelo detetive fictício Auguste Dupin, *O Mistério de Marie Rogêt*, escrito em 1842, e que constitui a segunda parte de uma trilogia, deu a Poe um tipo de reconhecimento ao qual jamais desejara: pelas características de sua narrativa, que traz a possível solução para um caso envolvendo o assassinato de uma mulher, e que há tempos a polícia buscava as circunstâncias, teve de comparecer à delegacia para prestar depoimento por conta do que havia escrito. Explicando tratar-se apenas de mais um de seus “contos de raciocínio”, viu-se livre das autoridades, que não constataram provas de seu real envolvimento.

Embora o autômato se comportasse como um mágico, as apresentações eram espetaculares e constituíam verdadeiro fenômeno à época. Não foram poucas as brochuras que vieram a público com o intuito de esclarecer cada etapa do funcionamento da máquina, das ações do boneco e das tentativas de mostrar seu mecanismo.

O autômato começou a jogar partidas por volta de 1770, quando ainda operado por Kempelen. Era exibido para as mais diferentes plateias, até o ano de seu desaparecimento. Ou seja, por 84 anos o boneco operado pelos seus diferentes proprietários fraudou partidas de xadrez, enganando seus espectadores nos mais diversos cantos do mundo, iludindo-os e ludibriando-os das mais diversas formas, causando descompasso no raciocínio de muitos.

Em seu conto, Poe comporta-se como mais um dos intérpretes que julga haver um homem que opera a máquina.

Aproximadamente um século depois, em sua primeira tese *Sobre o Conceito de História*, Walter Benjamin anuncia a existência de um autômato jogador de xadrez. O homem da invenção assemelhava-se ao boneco que raramente perdia as partidas, como narrara Poe.

A tese escrita por Benjamin é a seguinte:

Como se sabe, deve ter havido um autômato, construído de tal maneira que, a cada jogada de um enxadrista, ele respondia com uma contrajogada que lhe assegurava a vitória da partida. Diante do tabuleiro, que repousava sobre uma ampla mesa, sentava-se um boneco em trajes turcos, com um narguilé à boca. Um sistema de espelhos despertava a ilusão de que essa mesa de todos os lados era transparente. Na verdade, um anão corcunda, mestre no jogo de xadrez, estava sentado dentro dela e conduzia, por fios, a mão do boneco. Pode-se imaginar na filosofia uma contrapartida dessa aparelhagem. O boneco chamado “materialismo histórico” deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia, que, hoje, sabidamente, é pequena e feia e que, de toda maneira, não deve se deixar ver (Benjamin apud Löwy, 2005, p. 41).

Benjamin entende o materialismo histórico enquanto invencível. Invencível porque interdisciplinar, capaz de conciliar suas observações até mesmo com uma de suas vítimas entregues à crítica roedora dos ratos, como outrora foi tratada durante as muitas páginas que hoje conhecemos sob a alcunha de *A Ideologia alemã*, compêndio de análises dialético-materialistas escritas pelos jovens Karl Marx e Friedrich Engels, na primeira metade do século XIX, e que foram guardadas e publicadas postumamente: a teologia.

Walter Benjamin apresenta o homenzinho corcunda como sendo coadjuvante das apresentações da máquina. Está na primeira das teses: “Pode desafiar qualquer um se tiver ao seu serviço a teologia, que, como se sabe, hoje é pequena e feia e, assim como assim, não pode aparecer à luz do dia”. Enquanto Poe concluía ser o espírito, Benjamin traz à baila a teologia. O anãozinho corcunda, de quem Benjamin faz menção em outros de seus ensaios (como no texto sobre os dez anos da morte de Kafka, ou no labiríntico trabalho sobre sua *Infância berlinense: 1900*), representa um homem de estatura pequena e que não queria ser visto, também devido à sua aparência. Num comentário à sua tese, encontrado no Arquivo Benjamin da Academia de Artes de Berlim, acrescenta: “A teologia como anão corcunda, a mesa transparente do jogador de xadrez”. Este anãozinho corcunda aparecia para Benjamin, quando de sua meninice, antes de deitar-se, e lhe cantava uma canção: “Reza, meu menino, anda, /Pelo anãozinho corcunda!”, como bem rememora na última parte de seu trabalho sobre as memórias de sua juventude.

Seguindo o exemplo das histórias contadas por Poe, Benjamin expôs possíveis soluções — possíveis porque não pretendia fazer de seu pensamento um sistema de raciocínio onde seus leitores encontrariam, como numa receita, maneiras práticas de sanar qualquer de suas necessidades, fossem individuais ou coletivas. Assim como o contista dos Estados Unidos, Walter Benjamin pretendia provocar debates em torno de questões contemporâneas, e que poderiam bem envolver o passado. Acrescenta o seguinte informe à primeira das teses: “Um sistema de espelhos criava a ilusão de uma mesa transparente de todos os lados”. Poe e Benjamin encontravam-se numa encruzilhada, e hoje ainda se pode questionar como o autômato jogador de xadrez de Maelzel funcionava, ou mesmo como vencias as partidas. Para ambos, a alienação do espírito (ou da teologia) era também a submissão dos oprimidos à covarde vontade dos opressores. Benjamin apresenta a tese de que o materialismo histórico teria o boneco como alegoria, enquanto a teologia estaria corporificada no anãozinho corcunda. Portanto, a ação do anãozinho corcunda faz com que o conjunto da máquina opere, de forma a conduzir o espetáculo, mesmo que a atração dependa de fraudes.

Benjamin dava especial atenção à teologia judaica e ao messianismo<sup>4</sup>, e as páginas entregues à ação roedora dos ratos pareciam sair das gavetas, especialmente após *A Ideologia alemã* ter sua primeira edição integral lançada em 1932, mesma época em que Benjamin trabalhara em suas teses, sem ter o intuito de publicá-las, e quando David Riazanov obtém permissão para trazer a público as páginas dos manuscritos escritas em Bruxelas por Marx e Engels, entre 1845 e 1846.

Dizia o dramaturgo Bertolt Brecht que “a cadela do fascismo está sempre no cio”, e assim como nos tempos de Poe, ou mesmo de Benjamin, também se vivencia hoje no Brasil uma era de fraudes-fenômenos. Os mitos são objetos de profundas reflexões na obra de Benjamin, e fizeram parte das preocupações humanas nos períodos imediatamente anteriores à Filosofia, enquanto saber detentor da razão e dos sentidos. O autômato “ganhava” as partidas. Diz-se que em julho de 1809 “venceu” Napoleão Bonaparte numa partida.

Após a caracterização do autômato como sendo uma máquina que age por vontade própria, tem essas mesmas ações coordenadas por um homem de estatura baixa, tão baixa que coube dentro de um móvel, a invenção pode ser descrita como fraudulenta, “jogava xadrez” entre aspas, pois todos os xeques-mates eram previamente orquestrados pelas cordas manipuladas pelo homenzinho. O autômato jogador de xadrez era um fenômeno para a época, mesmo sendo uma fraude.

## **ARTIMANHA COMO LEGADO DO AUTÔMATO**

Uma das novas configurações do fascismo chegou ao Brasil através dos discursos de ódio e das notícias falsas, disseminados pelo uso de novas ferramentas ou novas estratégias de comunicação. O neofascismo traveste-se não com túnica ou turbante, mas, principalmente, com a informática. Os disparos de notícias falsas pelos assim chamados robôs, através internet, criaram o mito do salvador da pátria na figura de um messias. Uma simples apresentação, construída no estilo mapa-conceitual, totalmente destituída de argumentos, portanto tão fraudulenta quanto o funcionamento do autômato, deu início ao julgamento do ex-presidente Lula, constituindo também um espetáculo midiático. O esquema criado pelos acusadores, apresentado num computador, não apresentava provas de cada um dos temas sinalizados, e sim convicções, conforme suas próprias palavras. Os acusadores blefavam como num jogo qualquer, a exemplo do autômato, como outrora foi o histórico caso Dreyfus (1894), replicado e refutado quatro anos depois por Émile Zola em seu artigo “Eu acuso! : a

---

<sup>4</sup> Para Walter Benjamin, o messiânico simboliza o impossível como condição do possível.

verdade em marcha”: não apresentavam provas, acusando injustamente e condenando Lula à prisão num sombrio 7 de abril de 2018, manhã em que se entregou à polícia. Lula estava sendo condenado pelo assim chamado “conjunto da obra”.

Com a prisão política de Lula, reforçou-se a figura do falso messias, encarnado no autoritarismo dos protagonistas de uma operação judicial, e principalmente num homem até hoje tratado como mito, e que viera a se tornar presidente da República meses depois da prisão de seu adversário. Benjamin sinalizara que “o Messias interrompe a história”, e que seu advento “não aparece no fim de uma evolução”. A crença de que o mito, transfigurado no messias, pudesse livrar a nação das políticas públicas tão caras ao povo trabalhador brasileiro, aos poucos demonstrara que a catástrofe, além de dar continuidade à história, continua configurando o progresso, o mesmo da bandeira nacional. Walter Benjamin, a exemplo de Charles Baudelaire, questiona a ilusão do progresso. No caso brasileiro, a ilusão do progresso de um país que tem a justiça seletiva nas mãos dos poderosos aproxima os brasileiros das críticas outrora esboçadas por Baudelaire, no século XIX, e Benjamin, no século XX. A história é a história dos destroços sob os quais se encontram as memórias de um passado que precisa ser denunciado, revelado e reparado. Assim se pode fazer uma analogia com a tese benjaminiana exibida acima.

No século XIX, os europeus vivenciaram aquilo que o poeta francês Charles Baudelaire chamou *spleen*, e que Benjamin, no século imediatamente posterior, convencionou chamar de catástrofe. A mesma palavra é utilizada para os refugiados palestinos caracterizarem a *nakba*, o êxodo palestino de 1948. Benjamin, munido de um pessimismo revolucionário, acreditara que a catástrofe é um fenômeno permanente; para ele, o progresso era a própria catástrofe, porque desta dependia o sucesso tecnológico e científico, protagonizado pelas classes opressoras. Quem são os progressistas senão antípodas dos conservadores? O que querem os primeiros, progredir com os adventos da tecnologia, com as construções que dão as cidades uma nova fisionomia, inventar enormes máquinas para substituir a mão de obra humana no campo, causar o desemprego massivo, produzir épicos êxodos rurais pelos cinco cantos do planeta?

Ainda na primeira das teses, tão discutidas até os dias de hoje, Benjamin, cujas anotações se encontram nos arquivos berlinenses, advertira de que “a história tem como tarefa não apenas apropriar-se da tradição dos oprimidos, mas também fundá-la”. A história é contada pelos vencedores, e não é a história dos vencidos. Essa história é a da resistência popular ao fascismo nos dias imediatamente posteriores à prisão de Lula.

O que o mundo presenciaria durante os meses seguintes foi como Benjamin presentira: os oprimidos sentiam “a necessidade de uma teoria da história a partir da qual se pudesse enquadrar o fascismo”. O que se experimentou foi um descontínuo da história. A história dos oprimidos fora “escovada a contrapelo”, nos meses de resistência do acampamento popular que se ergueu em frente ao cárcere de Lula da Silva, o retirante nordestino que, em 2002, converteu-se no primeiro presidente da República que não vinha das classes abastadas.

Os oprimidos, escrevendo sua história, passam à condição de redentores. O aviso, alertando às trabalhadoras e trabalhadores de que há incêndio, também alerta a sociedade de que “antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado”.

### **ATO DE JUSTIÇA: A MEMÓRIA**

A filosofia de Walter Benjamin com suas alegorias da história atravessou o limiar entre os séculos XX e XXI com novas possibilidades de se produzir outras reflexões a partir do que teorizou na primeira década de um tempo em que o mundo vivenciou as duas guerras mundiais que mais apresentaram as contradições do progresso tecnológico. Inovações bélicas e crescimento desacelerado da indústria e das metrópoles caracterizam o que o historiador Eric J. Hobsbawm chama de “o breve século XX”.

Defensor dos direitos trabalhistas, de um nacionalismo desenvolvimentista que pretende combinar distribuição de renda com crescimento econômico, Lula sai da prisão meses depois. Fora absolvido de todas as acusações infundadas, pois não apresentaram provas contra um homem com mais de 70 anos, que, desde os tempos da última ditadura cívico-militar-empresarial, apresenta-se na imprensa internacional como defensor da democracia. A geração de Lula fundou o novo sindicalismo no Brasil. O grande sindicato do qual fez parte protagonizou as maiores greves de metalúrgicos entre os anos de 1978 e 1980, na região do ABC Paulista. Uma geração que experimentou a tortura, a prisão, o desaparecimento forçado, o sequestro por agentes da repressão, a perseguição sindical, o acossamento e a censura, o fichamento na polícia política do regime. Essa geração de pessoas que tombou na luta por direitos resgata à história recente do Brasil um arquivo, como Márcio Seligmann-Silva descreve em seu mais recente trabalho:

Solakov com seu arquivo nos faz lembrar também de uma era analógica de arquivos que está sendo deixada para trás, mas que ainda não está morta. O drama no Brasil “eternamente” em busca dos arquivos secretos da ditadura é uma prova disso. Se na Bulgária levaram 22 anos para a abertura dos arquivos, no Brasil, em



38 anos após o fim da ditadura civil-militar, ainda não se realizou (Seligmann-Silva, 2023, p. 36).

Nos arredores da cidade fluminense de Campos dos Goytacazes, ergueu-se o Memorial Cambahyba. Esse monumento carrega em si a alegoria do anjo da história, o *Angelus Novus* da tela de Paul Klee, e do qual Walter Benjamin valeu-se para a sua tese sobre a história. O memorial guarda a história das vítimas da última ditadura. Esse regime de morte levou seus crimes de violação de Direitos Humanos ao que hoje se conhece como “os fornos da Usina da Morte”, hoje transformados em um monumento situado no Parque Industrial da extinta Usina Cambahyba. Nas fornalhas dessa usina foram incinerados os corpos de diversos presos políticos, mortos nas prisões da ditadura.

Em janeiro de 2023, após a chegada de Lula pela terceira vez à presidência da República, o poeta Pedro Tierra descreveu a sua experiência desta maneira:

Volto ao chão onde pisamos, o decreto de desapropriação para fins de Reforma Agrária foi assinado pelo Presidente Lula, em janeiro último. Viemos em alguns poucos carros particulares e três ônibus. Dois do Rio e um de Vitória. Outros, organizados pelos movimentos populares de defesa dos Direitos Humanos, de Campos e Petrópolis (Tierra, 2023).

Pedro Tierra visitou o monumento, que hoje simboliza o que Walter Benjamin caracteriza como um “documento de cultura, um documento de barbárie”, ou seja, os cacos das ruínas observados pelo anjo da história que pretende juntar tudo para reescrever/reconstruir a história, escovando-a a contrapelo:

Nenhum movimento de trabalhadores no Brasil, ao longo da história, percebeu com mais clareza seu papel de educador político de sua classe, no sentido que lhe atribui Paulo Freire. Estendidos no chão, demarcando o espaço do púlpito, absolutamente horizontal estão os frutos do trabalho, as flores necessárias para amenizar os ásperos da vida e das lutas, os frutos da terra e do trabalho e a memória dos que lutam antes de nós: fotos com os rostos dos lutadores e lutadoras do povo de todas as idades, que inspiram as lutas que travamos hoje (Tierra, 2023).

As ideias de Pedro Tierra, a partir do monumento que também pode ser entendido como um arquivo, são as da relação entre o tempo, a memória e o esquecimento. Para o poeta, a história continua rumo ao futuro:

Essa reiteração que pronunciamos nos encontros onde homenageamos os lutadores e lutadoras do nosso povo, chamando-os pelos nomes, dissolve materialmente a temporalidade medida pelo estreito círculo dos relógios. Alarga ao infinito as dimensões do PRESENTE. Recusa os códigos da amnésia. Recusa curvar-se ao *esquecimento*. Liberta-nos da mistificação do “fim da História” como desejava Fukuyama nos primórdios da ofensiva neoliberal que devasta o

mundo e prepara a emergência do neofascismo. Aqui se converte recordações em memória viva. Geradora de futuro (Tierra, 2023, grifos do autor).

O Memorial Cambahyba resgata a história de um complexo de fornos que, à época da ditadura, servia de lugar de incineração de corpos dos mortos pela ditadura. Anos depois do término do regime, houve tentativas de se demolir os fornos, para que ali não fossem encontradas ossadas e nem resquícios de DNA dos cadáveres. As ações que visavam apagar a memória dos crimes estão sendo investigadas. Doze corpos, por confissão de crime, já foram identificados. Até o momento, grupos de supostos cúmplices dos crimes da ditadura esforçam-se para que ali não permaneça nenhum traço do que ocorreu durante as “páginas infelizes da nossa história”. A ideia de construir um memorial visa preservar a memória como um ato de justiça e verdade. Hoje os fornos da usina da morte estão sendo transformados em símbolos contra os crimes perpetrados pelo Estado brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que foi exposto neste artigo é o que na filosofia benjaminiana se chama imagens de pensamento. A reflexão alegórica transforma imagens em textos argumentativos, onde é possível conhecer a história em sua versão oficial ou a história escovada a contrapelo, como diz Benjamin, ou seja, a história contada pelos vencidos.

A imagem do autômato auxilia a interpretar as tarefas do materialismo e da teologia como interdependentes. Razão e religião são aspectos do pensamento de Walter Benjamin, o que torna o seu marxismo particular. Aliás, a sua é uma filosofia do particular e ao mesmo tempo do singular, uma filosofia fragmentária, cujos cacos se deve juntar para montar uma nova arquitetura, com uma reflexão crítica e inovadora.

A possibilidade inovadora do método benjaminiano é trazer seus textos para o presente. O caso do jogador de xadrez de Maelzel, à primeira vista, nada tem a ver com o que aconteceu com o prisioneiro que foi injustamente encarcerado no Brasil. Ao sair da prisão, Lula assina um decreto e, a partir de seu ato, a possibilidade de preservação da memória, com o intuito de buscar reparação, configura uma ética da memória como ato de justiça. As imagens dialéticas da filosofia de Benjamin proporcionam atitudes ousadas contra a barbárie.

## REFERÊNCIAS

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Walter Benjamin e a guerra de imagens*. São Paulo: Perspectiva, 2023.

TIERRA, Pedro. Viagem aos fornos do inferno de Cambahyba. In: *Revista Teoria e Debate*. São Paulo: edição 239, 2023. Disponível em: [https://teoriaedebate.org.br/2023/12/20/viagem-aosfornosdoinfernodecambahyba/?utm\\_campaign=news\\_fpa\\_388\\_07&utm\\_medium=email&utm\\_source=RD+Station](https://teoriaedebate.org.br/2023/12/20/viagem-aosfornosdoinfernodecambahyba/?utm_campaign=news_fpa_388_07&utm_medium=email&utm_source=RD+Station). Acesso em: 10 jan. 2024.